

OTTO LARA RESENDE
O PRÍNCIPE E O SABIÁ
e outros perfis

Organização **Ana Miranda**
Posfácio **Wilson Figueiredo**

2ª edição

COMPANHIA DAS LETRAS

Copyright © 2017 by herdeiros de Otto Lara Resende
Copyright do posfácio © 2017 by Wilson Figueiredo
Todos os direitos reservados

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Capa e projeto gráfico

Mariana Lara Resende

Foto de quarta capa e das pp. 2-3

**Fotógrafo não identificado/ Acervo Otto Lara Resende/
Instituto Moreira Salles**

Preparação

Márcia Copola

Índice onomástico

Probo Poletti

Revisão

Márcia Moura

Carmen T. S. Costa

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Resende, Otto Lara

O príncipe e o sabiá : e outros perfis / Otto Lara Resende ;
organização Ana Miranda ; posfácio Wilson Figueiredo. — 2ª ed.
— São Paulo : Companhia das Letras, 2017.

ISBN 978-85-359-2952-2

1. Ensaaios – Coletâneas 2. Escritores brasileiros – Biografia –
Discursos, ensaios, conferências 3. Literatura brasileira – História
e crítica – Discursos, ensaios, conferências I. Miranda, Ana. II.
Figueiredo, Wilson. III. Título.

17-05519

CDD-928.69

Índice para catálogo sistemático:

1. Escritores brasileiros : Biografia

928.69

[2017]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 | São Paulo, SP

Tel. (11) 3707-3500

companhiadasletras.com.br

blogdacompanhia.com.br

facebook.com/companhiadasletras

instagram.com/companhiadasletras

twitter.com/cialetras

SUMÁRIO

15
INTRODUÇÃO, Ana Miranda

23
MÁRIO DE ANDRADE
No aniversário da morte de
Mário de Andrade

26
MURILO MENDES

31
ALCEU AMOROSO LIMA
Algumas reminiscências e
um testemunho

35
**CARLOS DRUMMOND
DE ANDRADE**
O mel oculto, o áspero minério

51
SOBRAL PINTO
A Magna Carta brasileira

60
**MANUEL BANDEIRA E
AUGUSTO FREDERICO
SCHMIDT**
Brasil: anti-Pasárgada

67
GETÚLIO VARGAS
Júpiter e o urubu

70
FRANÇOISE SAGAN
A poeira da glória

76
ANNY CLAUDE BASSET
A arara de luto

85
JUSCELINO KUBITSCHEK
Um antecipador

91
COSTA REGO
Da mortalidade dos jornais

94
EDGAR DA MATA MACHADO
O gato morto e sua alma

99
JANGO GOULART
Pedra para digerir

104
MICHEL SIMON
O Brasil: nome e sobrenome

111
**ANTÔNIO DE OLIVEIRA
SALAZAR**
Boca, silêncio e mordça

120
ANGELA DINIZ
O voo atropelado

127
CARLOS LACERDA
Uma voz a menos

134
ROSÁRIO FUSCO
Poeira sonâmbula

142
HELENA ANTIPOFF
A fazendeira de crianças

149
MIGUEL TORGA
Terra de camisa aberta

151
**MARECHAL MASCARENHAS
DE MORAES E GENERAL LOTT**
General, sapo e rosas

157

PRUDENTE DE MORAIS, NETO
Estrela temporariamente apagada

159

MAGALHÃES PINTO
Candidato de calva à mostra

170

ADOLPHO BLOCH
Começos de um delírio

177

ROGER CAILLOIS
O descobridor descoberto

181

ARTUR DA COSTA E SILVA
O policiado caminho da oclocracia

184

CARLOS CASTELLO BRANCO
Coluna, Carlos, Castello

187

DJANIRA
Um anjo mudou de endereço

191

SYLVIO DE VASCONCELLOS
Minas, agora, para sempre

199

MANUEL BANDEIRA E
OCTAVIO PAZ
O Brasil precisa de Paz

203

ISMAEL NERY E HENRY MILLER
Onde é o Brasil?

207

SAMUEL WAINER
S. W.

211

VIRGÍLIO ALVIM DE
MELO FRANCO
O feijão também é um sonho

215

OCTAVIO DE FARIA
Uma tarde, antigamente

219

JOÃO GUIMARÃES ROSA
Um biscoito que virou pirâmide

227

PAULO MENDES CAMPOS
Enfim a grota

232

MÁRIO PEDROSA
O outro Brasil

236

RUBEM BRAGA
O príncipe e o sabiá

240

GIOVANNI PAPINI
O duplo e sua pepita de ouro

244

SANDRA MARA
Vai-te embora, menina morta

248

CARLOS DRUMMOND
DE ANDRADE
Segunda mão

252

JÂNIO QUADROS
Jânio, ao cair da tarde: 1961

261

PEDRO NAVA
Nava para dar e vender

265

AUGUSTO FREDERICO
SCHMIDT

Enfim, o culpado

269

GRACILIANO RAMOS E
OTTO MARIA CARPEAUX
A quem, meu Deus, a quem?

271

EDUARDO FRIEIRO
Santo Eduardo Frieiro

275

MÁRIO DE ANDRADE,
JACKSON DE FIGUEIREDO,
FERNANDO SABINO
Podia ser pior

279

BENONE GUIMARÃES

285

ERICO VERISSIMO

287

ALBERT CAMUS
O mau humor de Camus

292

CLARICE LISPECTOR
O fulgurante legado de
uma vertigem

296

GEORGES BERNANOS
Sob o sol da glória

299

CARLOS DRUMMOND
DE ANDRADE
Tarde antiga e funesta profecia

304

JOSÉ AMÉRICO DE ALMEIDA
Fala, memória

306

AFONSO ARINOS DE
MELO FRANCO
Estrela de uma constelação

310

TARSO DE CASTRO
Uma voz, um testemunho

312

OSWALD DE ANDRADE
A vaca premiada contra o
taradão ilustre

316

LUÍS CARLOS PRESTES
Prestes, um líder na
contramão do poder

322

NELSON RODRIGUES
Seu palco sempre foi a
redação de um jornal

326

OTTO LARA RESENDE
Quem é Otto Lara Resende?

351

NOTA SOBRE OS TEXTOS

355

POSFÁCIO
Otto Lara Resende ou a
marca da qualidade,
Wilson Figueiredo

369

ÍNDICE ONOMÁSTICO

INTRODUÇÃO

Ana Miranda

Uma vez, respondendo se gostaria de escrever um livro de memórias, Otto disse: “Não. Em todo caso, no que escrevo fora da ficção vou dando notícia mais objetiva do que vivi. Gostaria talvez um dia de dar um depoimento sobre a minha vida de jornalista. Mas não sei se chegarei a escrevê-lo. O resto é silêncio, para sempre”.

O príncipe e o sabiá é um livro que Otto Lara Resende quis fazer, e disse a seu editor, Luiz Schwarcz, que estava “praticamente pronto”, o que significava estar mentalmente idealizado e organizado. Compunha-se, a princípio (de acordo com uma lista encontrada por mim nos arquivos de Otto), de textos sobre Alceu Amoroso Lima, José Américo de Almeida, Sylvio de Vasconcellos, Adolpho Bloch, Helena Antipoff, Sobral Pinto, Virgílio Alvim de Melo Franco, Magalhães Pinto, Michel Simon, Rosário Fusco e Anny Claude Basset, publicados anteriormente em jornais ou revistas. A seleção não fora feita apenas por causa da qualidade do material, mas também porque, enquanto traçavam o perfil de uma pessoa, davam “notícia mais objetiva do que vivi”; ao retratar outras pessoas Otto contava sua própria vida. A família Lara Resende — Helena, André, Bruno, Cristiana, Heleninha — elaborou uma lista mais completa, incluindo textos a respeito dos quais Otto fizera algum comentário sobre sua inclusão no livro de perfis. Além dos nomes da lista escrita por Otto, recordaram-se dos de Rodrigo Melo Franco de Andrade, Tarso de Castro, Rubem Braga, Paulo Mendes Campos, Nelson Rodrigues, entre outros, totalizando vinte e dois textos. Luiz Schwarcz lembrou-se de uma menção de Otto ao perfil de Jânio Quadros; Carlos Castello Branco confirmou para mim a intenção de Otto de incluir neste livro seu perfil — dele, Castellinho.

Ao iniciar a pesquisa, que só foi possível graças à participação do Instituto Moreira Salles, através de seu então diretor, o poeta Antonio Fernando De Franceschi, eu tinha como objetivo rastrear apenas os

textos sobre os quais havia indicação do autor para que entrassem no livro. Os arquivos de Otto são organizados de uma maneira muito parecida com ele, repletos de minúcias, numa aparente desordem mas com uma lógica perfeita. E são completos, com todas as matérias por ele escritas em periódicos, assim como todas as cartas que recebeu; todos os papeizinhos que costumava recortar para fazer ali suas anotações, as inúmeras versões de originais de seus livros. São, no total, três escritórios — dois no Rio e um em Petrópolis — repletos de documentos.

Otto começou a escrever muito jovem, nos jornais de Belo Horizonte. Disse que entrou para o jornalismo da mesma maneira como um cachorro entra numa igreja, porque encontrou a porta aberta. Quando terminou o ginásio, em 1938, começou a frequentar a “simpática e descontraída” redação do *Diário*, do qual seu pai era um dos diretores. O noticiário do Rio de Janeiro era transmitido por telefone, à noite. Um dia o encarregado faltou, e Otto foi substituí-lo. “O telefone era ruim, pouco nítido. Ouvia-se mal com aqueles dois tampões nas orelhas e era preciso ir batendo à máquina em velocidade supersônica. De vez em quando a ligação se interrompia. Era algo de épico.” Depois o jovem Otto passou a copiar as *sociais* até que alguém descobriu que ele “levava algum jeito para escrever sem montar no que Camilo Castelo Branco chamava de a corcova de um solecismo”. Otto passou a escrever assinado, junto com Fernando Sabino, Hélio Pellegrino e Paulo Mendes Campos, e nunca mais se afastou da imprensa. Foi redator e diretor dos suplementos dominicais da *Folha de Minas*. A maioria dos artigos eram de crítica. Mas publicou, também, como ele mesmo diz, contos e textos de gênero indeciso, meio confessionais, meio cifrados, até poemas em prosa. E fez entrevistas, inquéritos, *sueños*, editoriais, tópicos, o que fosse preciso. Por algum tempo andou “cobrindo” o necrotério, como repórter policial. Ele dizia que sempre gostou da reportagem

de polícia, que episodicamente veio a frequentar no Rio de Janeiro em mais de um jornal. No Rio desde 1945, trabalhou em *O Jornal*, com Vinicius de Moraes e Moacir Werneck de Castro. Chamado por Edgar da Mata Machado foi para o *Diário de Notícias*, e depois para *O Globo*. Dirigiu a *Manchete* e o *Jornal do Brasil*. Trabalhou no *Correio da Manhã*, no *Diário Carioca*, na *Última Hora* (onde escrevia crítica de cinema usando como pseudônimo o nome de seu avô Joaquim), na *Flan*, no jornal *O Comício*, na tv Globo, com seu grande amigo Armando Nogueira, numa longa trajetória até ser chamado para escrever na página dois da *Folha de S.Paulo*, onde seu texto jornalístico atingiu a plenitude, com as crônicas diárias. Otto explica essas constantes mudanças como resultado das “circunstâncias que caracterizaram os últimos decênios no processo de vertiginosa transformação da imprensa”. Viveu intensamente a vida de jornal que, como ele mesmo disse, o aproximou do cotidiano, ampliou o seu conhecimento do mundo e da natureza humana.

A leitura de seu fascinante material jornalístico, desde o relato de seu encontro nos anos 1940 com Mário de Andrade até a última crônica escrita alguns dias antes de sua partida deste mundo, é uma aula de história do Brasil. Otto conheceu milhares de pessoas, fossem ou não de grande expressão cultural, públicas ou anônimas; conversou com elas, compreendeu-as, escreveu sobre muitas delas. Encontrei, em sua obra, dezenas de perfis sobre pessoas como Guimarães Rosa, Clarice Lispector, Carlos Drummond de Andrade, Pedro Nava, apenas para citar alguns, da área de literatura; e Juscelino Kubitschek, Getúlio Vargas, Jango Goulart, na área política, ou ainda textos inesperados, como um sobre Angela Diniz, a pantera de Minas, vítima de um crime passionnal. Não hesitei um instante sequer em incluir mais cerca de quarenta perfis na lista elaborada por Otto, uma vez que obedeciam

perfeitamente ao critério de autobiografia vicária e enriqueciam por demais sua história pessoal e pública. O resultado é este *O príncipe e o sabiá*, sessenta textos em ordem cronológica de publicação, apresentados aos leitores pela Companhia das Letras.

Este é um livro muito parecido com Otto, bem de acordo com seu temperamento generoso de homem voltado para o Outro. Termina com um perfil de Otto escrito por ele mesmo num raro momento em que cedeu ao impulso de falar sobre sua pessoa, um texto comovente e revelador de suas inquietações existenciais, de sua grandeza humana. “O resto é silêncio.”

1994, revisada em 2017

O PRÍNCIPE E O SABIÁ
e outros perfis

MÁRIO DE ANDRADE

No aniversário da morte de
Mário de Andrade

24.2.46

[...]

Vi Mário de Andrade apenas duas vezes. A primeira, em Belo Horizonte. Alguns dos rapazes da nova geração já se correspondiam com ele. Mário estava, assim, sempre presente em nossa turma e se tornara naturalmente um amigo como qualquer outro. Nas intermináveis conversas pelas madrugadas frias de Belo Horizonte, o seu nome surgia fatalmente, como o nome de um companheiro de geração. Ele soube-
ra insinuar-se de tal forma, de tal forma penetrara a realidade de nossa geração — a dos vinte anos — que ninguém se lembraria dos seus cinquenta anos bem vividos. E nem da glória que o cercava, e da consagração literária, motivos suficientes para afastar tanta gente do reino humano dos homens... Mário era um companheiro: não era um mito.

Lembro-me como o vi pela primeira vez. Não foi preciso apresentação: descobri o seu sorriso largo no bar e o tive a meu lado como se tivesse um velho amigo ausente. Depois os encontros se repetiram, as conversas se multiplicaram, Mário viveu a imensa turma que o rodeava como um jovem mineiro de vinte anos, excepcionalmente agudo, excepcionalmente inteligente e intuitivo. Quando voltou a São Paulo, escreveu-nos cartas diante das quais só posso empregar uma sua expressão predileta, que ele pronunciava naquele ar largado de deslumbrado, acendendo as sílabas com a misteriosa luz de seu entusiasmo moço e puro: “Uma ma-ra-vi-lha!”.

Com a sua ida a Belo Horizonte (a terceira que realizava em sua vida), em setembro de 1944, a sua ação de presença tornou-se ainda maior en-

tre os moços de Minas. Era preciso contar tudo ao Mário, aconselhar-se com ele, mandar-lhe os poemas para que ele opinasse. E me lembro com que paciência respondia a todas essas impertinências. Um jovem poeta enviou-lhe um livro de poesias: Mário devolveu-o repleto de notas, interessou-se pelo livro como se fosse ele o autor, corrigiu, modificou, sugeriu, ensinou. Os mínimos detalhes mereciam uma atenção descabida. E nos vinham as suas longas cartas, onde o técnico — o artesão — era sufocado pela humanidade que as invadia. Mário — na sua intuição admirável — compreendeu-nos a cada um de nós, a cada um de nós se ligou em solidariedade. Por isso, suas cartas eram uma festa de amizade.

Em janeiro do ano passado, vi Mário pela segunda vez, por ocasião do Congresso de Escritores, em São Paulo. Lá estivemos com ele várias vezes. No dia 27 de janeiro, ele quis jantar com “os rapazes de Minas”. Tenho ainda em meus ouvidos a sua conversa. Sem o mínimo esforço, meus olhos se povoam de sua figura grande, de seus gestos, de seus tiques. Essa última conversa longe me convenceu de seu vivo espírito de justiça, de sua vontade apaixonante de acertar, de seu amor pela verdade. Era um homem de paixão. E que errou certamente por isso, mas errou sempre “por muito amar” — como diria o poeta Vinicius. Errou por excesso de generosidade.

Depois, no dia 26 de fevereiro, a notícia subitânea de sua morte surpreendeu a nossa tarde em Belo Horizonte. Foi difícil acreditar. Muitos de nós tivemos o primeiro sentimento de perda na vida: pela primeira vez a morte chegou em toda sua realidade nua e inapelável. Mário morrera.

Bem que lhe havia notado o ar cansado, um certo estranho desencanto oculto atrás do riso largo. Muitas de suas palavras ganharam então uma nova interpretação, uma força inédita. Sua tristeza — descoberta tão contundentemente como uma ferida secreta, numa noite de uma falsa alegria de cassino — saltou inteira de sua lembrança.

Mário não foi um homem alegre, um homem pleno, como se poderia deduzir de sua atitude de “vendido à vida”. Foi um poeta, um enorme poeta, um homem cuja força estava na fragilidade de seu sentimento, frágil sentimento “que o mundo não compreende”.

Mário de Andrade soube compreender. Foi um generoso, de coração desarmado ao mundo. Eis um cuja glória (e que maior glória pode haver?) é sobretudo esta: *compreendeu*.

Por isso tantos amigos o choram, depois que a Providência Divina — vá lá o lugar-comum que é a verdade —, em seus inescrutáveis desígnios, o roubou à nossa convivência.

[...]

MURILO MENDES

25.12.48

Confesso que, a certa altura, andei inventando alguns casos de Murilo Mendes. Misturava em tinta surrealista um capote negríssimo, uma data (1928, evidentemente) e o próprio Espírito Santo, e eis aí mais um “caso” do poeta. Mas eram apócrifos, evidentemente, e eu jamais pretendi que fossem outra coisa. Agora, porém, proponho-me a contar alguns casos autênticos e verdadeiros passados com o poeta, e que vou reproduzir aqui procurando tanto quanto possível ser fiel aos fatos e à memória. Era minha intenção encontrar o poeta para uma conversa, dessas conversas vivas e fortes de que só Murilo Mendes é capaz, com a sua sensibilidade poética excepcionalmente aguda e a sua inteligência aberta a todo espetáculo humano, predicados que fazem dele um dos mais universais e mais curiosos espíritos deste país. Mas o poeta está de viagem, para Minas.

Anunciara-se uma conferência de Murilo Mendes, em Belo Horizonte. Não se sabia o tema, mas o salão, à hora marcada, já se encontrava literalmente cheio. Foi a minha primeira surpresa: o poeta tinha cartaz na cidade e reunia, com felicidade e pouca divulgação, um público numeroso e interessado. Depois de uma saudação soprada timidamente por Emílio Moura, Murilo Mendes ameaçou começar a sua conferência. Assentado no alto do estrado, bem ao centro de uma comprida mesa, que ele ocupava sozinho, a figura do poeta assumia uma grandeza épica. Algumas senhoritas cochichavam, espantadas, concordando em que era belo o conferencista, em seu porte olímpico.

Mal começara a agradecer a saudação que lhe fora dirigida, Muri-

lo interrompeu-se para a fotografia de praxe. Calmamente, voltou-se para o fotógrafo e esperou a chapa. Acontece, contudo, que não havia naqueles dias lâmpada para fotografia e os jornais recorriam então ao magnésio. O fotógrafo, depois de dois ou três insucessos constrangedores, estourou o magnésio. O poeta, com um ligeiro gesto de mal-estar, acompanhou a fumaça que subia ao teto e iniciou a sua conferência: “A poesia é um fenômeno permanente e comum a todos os homens”, ia ele dizendo quando novamente se interrompeu, para a mesma cena de um minuto antes, com outro fotógrafo, igualmente munido de magnésio, colocado do outro lado da sala. Murilo Mendes voltou-se para o segundo fotógrafo e tranquilamente esperou as duas tentativas fracassadas e finalmente o estouro enfumaçado do magnésio. E de novo começou a primeira frase de sua palestra sobre a poesia.

A essa altura, todavia, a fumaceira batia contra o teto, começava a descer sobre a cabeça do poeta, envolto já agora numa nuvem de fumo. O auditório mostrava-se visivelmente perturbado e o conferencista, na maior calma, abandonou a mesa, exclamando: “Positivamente, não querem que eu faça esta conferência!”. Retirando um lenço do bolso, Murilo atravessou o salão, de princípio a fim, semissufocado, e retirou-se pela porta dos fundos. O público ficou em suspenso, aguardando, sem saber como proceder. Dois segundos depois, Murilo surgia na porta do centro, ainda com o lenço na boca, numa atitude de grande ator. Finalmente, depois de um lapso de tempo, voltou pela porta dos fundos e começou, daí, a conferência, dada, assim, pelo avesso, com o auditório obrigado a voltar-se para trás, num esforço que deve ter causado muito torcicolo.

Meia hora depois, Murilo Mendes interrompeu, repentinamente, a sua conferência, que foi, sem dúvida, a mais original a que já assistiu o público belorizontino. O poeta, depois de dialogar com alguns jovens

amigos que estavam entre o auditório, fechou inopinadamente o seu caderninho de notas e retirou-se, alegando, depois, excesso de cansaço e de fumaça.

Na Sexta-Feira da Paixão, estávamos, o poeta, Héliο Pellegrino e eu, no Mosteiro de São Bento. Depois de assistir às cerimônias litúrgicas do dia, saímos (era pela manhã) para um café. Logo à saída da igreja, por toda a ladeira que leva ao mosteiro, colocavam-se vários mendigos, de chapéu à mão, esperando pela esmola.

Não posso me esquecer da atitude de Murilo Mendes para com os mendigos que ali se achavam. Lembro-me especialmente de um deles, verdadeiro mendigo bíblico, cabeludinho, mirrado, e que parecia ser velho conhecido do poeta. Murilo dirigiu-se a ele, colocando-lhe discretamente na mão uma cédula. Depois, abraçou-o e perguntou pela perna ferida, prometendo-lhe um cartão para o Fernando Carneiro, que iria curar-lhe a úlcera. Murilo falava ao mendigo exatamente como se falasse a um oficial de gabinete do senhor ministro da Fazenda. Depois, meio curvo, com suas enormes mãos pálidas, passou aos outros mendigos, um a um, até que chegamos à avenida, entrando num café próximo à praça Mauá.

Aí, encontrava-se uma cigana, que logo se ofereceu para nos ler a sorte. Cada um de nós entregou passivamente a mão à quiromante, que nos disse algumas generalidades banais. Murilo, porém, mostrou-se delicadíssimo para com a cigana, que soube explorar fundamente o poeta, cobrando-lhe, além dos cinquenta cruzeiros da taxa comum, mais duzentos, por um segredo dito no fundo do café, por trás de um biombo que separava o lavatório do salão. O poeta ficou impressionado, e a cigana apontou-lhe na vida (como, aliás, aconteceu com Héliο Pellegrino e comigo) uma mulher loura, se não me engano. Murilo interessou-se pela vida da pobre cigana, que trazia uma criança ao colo, pagou-lhe

um lauto café, perguntou-lhe o nome (chamava-se Maria) e afinal se despediu, explorado e afabilíssimo: “Adeus, passar bem, dona Maria!”.

No Country Clube, em Belo Horizonte, estávamos em plena paisagem campestre, rodeada de montanhas. Depois do almoço, deitamo-nos sobre a grama, na rampa diante da piscina. A atmosfera de calma bucólica atingira um tom silencioso de natureza bruta. Tínhamos já feito um longo passeio, com uma longa conversa intelectual. De repente, Murilo Mendes, que também se encontrava deitado na grama, entrou a dar berros homéricos. O poeta, cidadão do asfalto, concitava os presentes a uma atitude de animal primitivo, com urros selvagens lançados aos contrafortes da montanha quieta, pesada, cem por cento natureza bruta.

Na rua da Bahia, Murilo ia tranquilamente subindo para uma confeitaria, acompanhado de alguns rapazes, quando estacou diante de uma casa de negócio de uma porta só, que vendia linhas, fazendas e coisas desse gênero. O poeta, vibrando as mãos no ar, de braços levantados, dizia, a todos pulmões, em seu modo enfático de falar: “Parabéns pelos retroses!”.

Tratava-se de uma caixa de linhas e retroses que estava exposta, formando, casualmente, uma composição decorativa realmente pictórica e bela. Murilo achou de denunciar ali mesmo, com risco de causar escândalo e interromper o trânsito de pedestres pela calçada estreita, a beleza imprevista de uma vitrine comercial.

Percebo, a esta altura, que haveria outras histórias a contar bastante típicas e ilustrativas. O espaço, porém, não me permite que vá adiante. Fico então por aqui, mas não sem contar que, por causa de uma pa-

lavra, Murilo Mendes viajou, uma vez, para Juiz de Fora. Foi assim: o poeta telefonou para a sua cidade mineira e falou, pelo interurbano, com uma sua velha tia. Em dado momento, ao contar determinado caso, a velha tia exclamou, centenária: “Cáspite!”.

Diante dessa palavra, de um poder mágico, jamais ouvida por quem quer que seja, mas apenas existindo no sepulcro das interjeições gramaticais, Murilo embarcou, incontinenti, para Juiz de Fora, para rever na tia um mundo desaparecido...